



Recordações de vivência com meu tio José Sebastião e Silva

António Manuel Sebastião Silva Fernandes Professor Catedrático Jubilado do ISA

Quando meu Avô António José Sebastião faleceu, em 1924, deixou quatro filhos que foram educados por minha Avó Maria Emília, professora primária.

Na altura os quatro irmãos (Maria, minha Mãe, Eugénio, José e António Jorge) tinham idades entre os doze e cinco anos. Meu Avô António José era dotado de grande inteligência, tendo os filhos herdado esse dom. Minha Avó fez grandes sacrifícios para os educar e a certa altura foram eles próprios que tiveram que lutar pela sua subsistência e educação, nomeadamente Eugénio e José.

Meu Tio José apanhou grandes sustos com a sua saúde desde muito cedo, pois que durante a infância e a juventude teve de lutar para sobreviver a um tifo e a uma tuberculose, esta quando já vivia em Lisboa, num quarto alugado, na rua do Século.

Tirou parte do liceu e universidade com dinheiro de explicações e foi responsável pela educação de António Jorge, o mais novo dos quatro irmãos.

As minhas primeiras memórias de meu Tio José Sebastião e Silva são registadas quando nos enviava notícias de Roma, no início dos anos 40, tinha eu 10 anos.

Depois do seu regresso de Itália deslocava-se algumas vezes a Mértola, que adorava e onde dava longos passeios pelos campos. Trazia com ele os seus discos de música clássica e ópera com os quais se deliciava na pacatez da Vila. De uma das vezes pediu autorização para utilizar o sistema de som do teatro e experimentou colocar os altifalantes fía janela para compartilhar a sua música com os mertolenses que passavam.

Em 1951 ingressou, como professor catedrático, no Instituto Superior de Agronomia, pois que na Faculdade de Ciências de Lisboa, Escola que trazia no seu coração, não lhe estavam a facilitar o ingresso em categoria semelhante. Esteve cerca de nove anos em Agronomia e penso que durante todo esse tempo se sentiu feliz. Era muito considerado pelos seus colegas e tinha o respeito e a amizade dos alunos. Os meus colegas teciam grandes elogios fía forma como conduzia as aulas. Lembro-me que em 1954 chamou a sua casa dois colegas meus, um deles meu amigo e também nascido em Mértola. Desejava ouvi-los sobre a sua decisão de os reprovar. Penso que fazia isto com certa frequência.

Em 1952 ingressei em Agronomia, tendo meu Tio ficado muito preocupado com a minha escolha uma vez que não gostava que surgisse a hipótese de ser meu professor. Felizmente tal nunca aconteceu, situação que proporcionou grande alívio aos dois. Quando da escolha do tema para a tese de fim de curso ainda pensei em estatística, mas meu Tio dissuadiu-me pois, segundo ele, as perspectivas de futuro na fiárea da estatística agrária eram, na altura, reduzidas. Durante a minha estada no Instituto Superior de Agronomia só me lembro de ter ido ao seu gabinete uma vez. Apesar deste contacto escasso dentro do Instituto, mais por opção de meu Tio,

fui batizado de Sebastião pelos meus colegas, pois era difícil dissociar a minha ligação familiar com a presença do Professor Sebastião e Silva, nome a que tive que me habituar dado que no liceu era conhecido por Silva Fernandes. Com frequência, aos domingos, ia almoçar em sua casa. Encontrava-o no escritório, mergulhado no seu trabalho. Descansava no período da refeição. Tornava-se então conversador, normalmente bem-disposto, com riso fácil e descontraído, evidenciando um sentido de humor acutilante. Após a refeição ouvia com frequência sinfonias e óperas esforçando-se para eu apreciar, descrevendo-me os diferentes andamentos ou atos.

Sempre que precisava deslocava-me a sua casa para tirar dúvidas em matemática e cálculo, que depois partilhava com um grupo de colegas.

Após a minha licenciatura, com as nossas ausências prolongadas no estrangeiro, contactei pouco com meu Tio, com visitas esporádicas a sua casa.

Todavia, em 1968 fui confrontado com a sua grave doença. Acompanhei-o desde então e dei-lhe apoio que tanto necessitava. Durante esses cinco anos tive oportunidade de o conhecer verdadeiramente. Para além de um grande homem de ciência e de invulgar cultura geral, era um humanista, revelando grande sensibilidade, generosidade e afabilidade, sendo ainda um excelente pedagogo.

Meu Tio adorava Itália, onde viveu quatro anos e onde deixou bons amigos. Em Outubro de 1970 os amigos proporcionaram-lhe um regresso aquele País onde seria tratado por bons especialistas. Fui levá-lo ao aeroporto.

Lembro-me que ao percorrermos a Avenida da República me chamou a atenção para a destruição de uma das mais belas avenidas de Lisboa.

Quando o avião da Alitalia descolou fiquei a olhar a sua subida com um enorme alívio pois tinha muita fé nesta sua deslocação. Meu Tio ia muito esperançado. Cerca de um ano depois esperava-o no aeroporto. Quando o vi, numa cadeira de rodas, muito magro, pálido e ardendo em febre, não consegui conter as lágrimas.

Infelizmente não trazia de Itália a cura para a sua doença e pouco depois ingressava no IPO donde já não sairia.

Durante os seus últimos meses de vida visitava-o assiduamente no IPO.

Conversava muito comigo. As histórias de sua vida cativavam-me. A infância e juventude, as dificuldades económicas, as doenças, os êxitos profissionais, os seus dissabores, as viagens de estudo, a vida em Itália, os problemas na Faculdade de Ciências com os seus pares, a sua atividade política.

Trabalhou com colegas no seu quarto do IPO quase até ao último dia. Nos primeiros tempos numa mesa. Nos últimos dias deitado. Morreu com imensa dignidade. Poucos anos depois sentia-me frustrado por não ter gravado todas as conversas que teve comigo para eu poder reviver, de vez em quando, essas horas maravilhosas em que bebia as suas palavras.

Minha Tia, com menos 11 anos de idade, faleceu 20 anos depois, lutando pela educação de seus três filhos que muito cedo ficaram sem o Pai, a exemplo do que acontecera a minha Avó Emília 48 anos antes. Ofereceu-me o trajo académico que o Tio usava no ISA como prova de gratidão pela forma como acompanhei o seu marido durante a doença. Trajo que, sempre que vestia, sentia o peso da responsabilidade de honrar a ilustre figura de José Sebastião e Silva.